

«Na história da humanidade o desenho é considerado uma das formas de comunicação mais utilizadas pelo homem, antecedente à escrita, o que indica que a comunicação pelo desenho é uma forma de linguagem básica e universal (Bandeira, Costa & Arteché, 2007; Wechsler & Schelini, 2002). Mais tarde, o desenho passou a ser percebido não apenas como uma forma de comunicação, mas também como uma importante ferramenta na avaliação psicológica, com particular utilidade na compreensão do mundo interno infantil (Bandeira et al., 2007; Falk, 1981; Humphreys & Leitner, 2007; Ramm, 2005; Rotter, Horak & Heidt, 1999). Entre as técnicas projetivas utilizadas com crianças, o desenho tem uma grande tradição e popularidade. Estas provas funcionam como estímulos para a obtenção de dados e consideram o conceito psicanalítico de projeção que, segundo Laplanche e Pontalis (1977), consiste na operação pela qual o indivíduo extrai de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, um conjunto de características, sentimentos, desejos, preocupações. Segundo diversos autores, o desenho representa a percepção da criança sobre si, os outros e o mundo, pressupondo que este é o “espelho” do mundo interno da criança, o que lhe concede uma função de mediador entre o mundo real e o imaginário infantil. Neste sentido, o desenho pode refletir e possibilitar a compreensão de pensamentos e sentimentos, e assim permitir ao terapeuta um melhor entendimento da realidade da criança (Falk, 1981; Humphreys et al., 2007; Rotter et al., 1999; Van Niekerk, 1978) (...) De acordo com Di Leo (1985), os desenhos passaram a ser vistos com ceticismo pela maioria dos investigadores, uma vez que o elemento subjetivo na sua interpretação introduz variáveis praticamente incontroláveis. No entanto, apesar da falta de suporte experimental, os clínicos continuam a valorizar os desenhos como expressões de traços de personalidade e competências perceptivas (Di Leo, 1985; Winnicott, 1971). A utilização das provas de desenho no processo de avaliação constitui-se numa prática bastante presente, nomeadamente na entrevista com a criança e na fase de estabelecimento da relação terapêutica, sendo estas provas fomentadoras de um contexto facilitador da relação da criança com o examinador (Winnicott, 1971). Para além de o desenho se constituir numa técnica de fácil administração, a proposta de desenhar é geralmente acolhida com agrado pela generalidade das crianças, permitindo também que a criança, enquanto desenha ou pinta, se sinta confortável para expressar e comunicar com o terapeuta (e.g., assuntos quotidianos, experiências pessoais, preocupações, motivações, pensamentos) (Winnicott, 1971). O desenho é muitas vezes utilizado como método primário e adjuvante de comunicação no trabalho clínico com crianças, revelando-se especialmente adequado nos casos em que se verificam dificuldades na verbalização de sentimentos e pensamentos por parte da criança.»

Gomes, Ana Sofia Pinela (2014). *Avaliação psicológica da criança: método do desenho e narrativa em seis partes* (dissertação de mestrado). Lisboa, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/20236>



Mostra bibliográfica 09.2018

Desenho infantil e psicoterapia

Faculdade de Psicologia | Instituto de Educação
UNIVERSIDADE DE LISBOA
Alameda da Universidade
1649-013 Lisboa
Tel.: 21 794 3891/92
E-mail: biblio@fpie.ulisboa.pt



Abraham, A. (1976). *Les identifications de l'enfant à travers son dessin*. Toulouse: Privat.

TECN/PROJ ABR*IDE

Abraham, A. (1963). *Le dessin d'une personne: Le Test de Machover*. Neuchatel: Delachaux & Niestlé.

BPOV-6

Abrantes, A. A. (1971). *Breves considerações sobre o desenho infantil*. Lisboa: Inspeção Provincial de Educação.

PD-3039

Bernson, M. (1962). *Du gribouillis au dessin: evolution graphique des tous-petits*. Neuchatel: Delachaux & Niestlé.

PD-679

Biedma, C. J., D'Alfonso, P. G. (1955). *Le langage du dessin: test de Wartegg-Biedma: version modifiée du test de Wartegg*. Neuchatel: Delachaux et Niestlé.

PSICOM BDM*LAN

Bobon, J. (1962). *Psychopathologie de l'expression: Rapports de Psychiatrie présenté au Congrès de Psychiatrie et de Neurologie de Langue Française, LXe session, Anvers, 9-14 juillet, 1962*.

Lyon: Masson et Cie, Éditeurs.

BPOV-158

Boutonier, J. (1959). *Les dessins des enfants*. Paris:

Scarabée.

PSI/DES BTN*DES

Corman, L. (1964). *Le test du dessin de famille dans la pratique médico-pédagogique*. Paris: Presses Universitaires de France.

PSICOM CRM*TES

Correia, L. (1963). *Garatujas: Estudo psicopedagógico do grafismo infantil*. Lisboa: Oficinas gráficas de L. Henry Gris.

PS-75 ex. 1

Cotte, S., Roux, G., Aureille, M. A. (1951). *Utilisation du dessin comme test psychologique chez les enfants*. Marseille:

Comité de l'Enfance Déficiant.

BPOV-228

Davido, R. (1976). *Le langage du dessin d'enfant*. Paris: Presses de la Renaissance.

TECN/PROJ DVD*LAN

Decobert, S., Sacco, F. (Coord.) (2000). *O desenho no trabalho psicanalítico com a criança*. Lisboa: Climepsi.

TECN/PROJ DCB*DES

Di Leo, J. H. (1985). *A interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.

TECN/PROJ DI*INT

Goodnow, J. (1992). *Desenho de crianças*. Lisboa: Salamandra.

PSI/DES GDN*DES

Kahnert, V. M. (1967). *Le role du dessin et de la peinture dans la réadaptation des adolescents*. Paris: S.A.B.R.I.

PD-1277

Koch, C. (1978). *Teste da árvore*. São Paulo: Mestre Jou.

TECN/PROJ KCH*TES

Luquet, G.-H. (1927). *Le dessin enfantin*. Paris: Félix Alcan.

PSI/DES LQT*DES

Michel, G. (1968). *Pédagogie du dessin*. Paris: Presses Universitaires de France.

PD-1651

Milner, M. (1976). *L'inconscient et la peinture: une approche psychanalytique du dessin chez l'enfant et l'adulte*. Paris: Presses Universitaires de France.

PERS MLN*LIN

Naville, P., Zazzo, R., Weil, P.-G., Bried, C., Boussion-Leroy, A., Horinson, S., Belvès, P. (1951). *Le dessin chez l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France.

PSI/DES NVL*DES

Thomas, G. V., Silk, A. M. J. (1990). *An introduction to the psychology of children's drawings*. New York: Harvester

Wheatsheaf.

PSI/DES THM*INT

Vinchon, J. (1959). *La magie du dessin : Du griffonnage automatique au dessin thérapeutique*. Bruges: Desclée de Brouwer.

BPOV-1473

Wallon, H., Lurçat, L. (1987). *Dessin, espace et schéma corporel chez l'enfant*. Paris: ESF.

PS-2092